

LEVY, Tatiana Salem. **A chave de casa**. São Paulo: Record, 2007, 206 p.

Diana Klinger

Anarradora de **A chave de casa** está na cama, paralisada, quando ganha de seu avô uma chave muito antiga, da casa onde morou na Turquia, antes de vir ao Brasil. E com essa chave vem uma missão: voltar à cidade turca de Esmirna e encontrar a casa e os parentes que lá ficaram. A narradora tece o relato da viagem com as duas histórias que, se inscrevendo no seu corpo, a levaram à imobilidade: um amor intenso e violento e a doença e morte da mãe. A voz em primeira pessoa se dirige, o tempo inteiro, ora a esse homem ora à mãe, com quem estabelece um diálogo póstumo.

É desde que a mãe morreu que ela não consegue se levantar. Conto (crio) essa história dos meus antepassados, essa história das imigrações e suas perdas, essa história da chave de casa, da esperança de retornar ao lugar de onde eles saíram, mas nós duas (só nós duas) sabemos ser outro o motivo da minha paralisia... foi a morte (a sua) que me tirou, um a um, os movimentos do corpo. (p. 62)

Assim, **A chave de casa** não é, apenas, uma narrativa. É, sobretudo, escrita. Escrita como sutura, diálogo, luto. Quero dizer: não se trata apenas de contar uma história e sim de escrever como forma de restabelecer um diálogo com quem já se foi. Um diálogo tão íntimo, que se torna confissão. “Tenho ainda outro sonho, que nunca contei a ninguém. Meu sonho, mãe, é escrever” (p. 108), confessa a narradora. E esse diálogo póstumo com a mãe, que só a escrita possibilita (afinal, é a escrita que tira a narradora da paralisia), está no fundo tanto do romance quanto da carreira de Tatiana como escritora. “Você não pode partir. Porque não quero, não deixo, porque não é justo... Quero você a meu lado o dia que eu publicar meu primeiro livro.” (p. 71). É esse diálogo que funda a escrita de Tatiana, pois seu romance de estréia propõe uma reflexão sobre a herança.

Neta de judeus turcos, Tatiana Salem Levy nasceu em Lisboa, onde os pais estavam exilados por conta da ditadura militar, e veio para o Brasil antes de ter completado um ano de idade. Todos os dados biográficos da

escritora se confundem com os da narradora. Ademais, a descrição que a narradora faz de si coincide com a fotografia da autora na orelha do livro: “olhos de azeitona, nariz comprido, boca pequena” (p. 37). E o romance – no registro de autoficção – é todo em torno da própria identidade.

A questão da herança se coloca também num sentido literário. A epígrafe de Emily Dickinson – “Dizem que o tempo ameniza, isso é faltar com a verdade. Dor real se fortalece, com os músculos, com a idade (...) se o tempo fosse remédio, nenhum mal existiria” – é uma chave nesse sentido. “Se não sangra, a minha escrita não existe” (p. 69), diz a narradora num tom em que ressoam, também, Clarice Lispector, Margarete Duras e Maurice Blanchot¹. Em **A chave de casa**, corpo, dor, morte e escrita formam uma forte constelação que inscreve o romance nessa prestigiosa linhagem literária: “a dor é uma das coisas mais importantes da minha vida”, disse Margarete Duras. Na narrativa de Tatiana Salem Levy, também a escrita se propõe como fio tênue entre dor e sentido: “insisto na dor, pois é ela que me faz escrever”, diz a narradora, “quem sabe aos poucos, quando conseguir dar os primeiros passos, quando me livrar do fardo, não consiga também dar nome às coisas? É por isso, só por isso que escrevo.” (p. 10)

E também, como em Duras ou em Dickinson, no romance de Tatiana, a dor, que mobiliza a escrita, pode também estar ligada ao amor e até ao prazer e ao sexo:

Fui perdendo a imobilidade depois que o conheci. Depois que o amei: depois que conheci a loucura através do amor, o nosso. Foi o amor (excedido) que me tirou um a um os movimentos do corpo. Que me deixou paralisada nessa cama fétida de onde hoje não consigo sair. (p. 133)

Prazer e dor. Amor e violência. O romance todo é feito de contrastes: às cenas eróticas – “quando acordei estava molhada, a sua mão por debaixo da minha saia, a calcinha afastada para o lado” (p. 81) seguem descrições de um corpo murcho, devastado (“apenas vísceras, tripas que se expõem nos sulcos formados pelos cortes que me arrancaram a pele”) (p. 82). Contrastes e também contradições: “é a casa onde passei toda a minha vida, a casa

1 – É bom lembrar que o primeiro livro da Tatiana Salem Levy faz uma reflexão sobre Maurice Blanchot (**A experiência do Fora**: Blanchot, Foucault e Deleuze. Relume Dumarã, 2003).

onde nunca estive.” (p. 145). A narradora muda constantemente, diz coisas contraditórias, dá diferentes versões, numa interpretação – e redefinição – de si mesma que é pura busca, que nunca fecha. Tudo no romance se torna incerto: é difícil decidir se a viagem realmente aconteceu, se a voz que diz estar paralisada realmente está e, nesse caso, se alguma vez saiu do seu quarto. “Nunca saí do lugar, nunca viajei, conheço apenas a escuridão do meu quarto”, diz a narradora, a certa altura. “Essa viagem é uma mentira, nunca saí da minha cama fétida.” (p. 106).

Nesse sentido, viagem e escrita parecem ser intercambiáveis. Viajar – escrever – para sair da paralisia. Viajar – escrever – para enfrentar a dor. Viajar – escrever – para lidar com a herança. Para se auto-descrever. A escrita e a viagem se propõem como forma de reatar uma comunicação interrompida. Pois a morte da mãe implica numa interrupção do elo com a herança: por isso, a viagem será também uma viagem em direção ao passado, às raízes. Uma viagem em busca da identidade. Brasileira? Portuguesa? Turca? Ou, somente, judia?

No final das contas, errância e desenraizamento fazem parte da própria constituição da identidade judaica. Identidade constituída na diáspora, “a casa” do judeu não é um lugar físico, e sim precisamente uma “chave” – a tradição como herança –, que se passa de geração em geração. Mas a chave que a narradora recebe não abre nenhuma porta, a casa já não existe: é como se a chave do passado não abrisse a porta do presente. No entanto, a própria chave é o que importa, é ela que traz a lembrança, o elo com o passado. A dor, recebida como herança das gerações passadas – “herdei todos os sofrimentos da família” (p. 131) –, como um dever de não esquecer, entrelaça o que a narradora vive como experiência subjetiva e familiar com a tradição judaica. Assim ela evoca uma cena da infância, em que se comemorava o ano novo judaico: “primeiro o pão ázimo, seco, sem gosto, para lembrar o sofrimento do povo expulso vagando pelo deserto.” (p. 130) Lembrar, manter viva a memória, “é por isso que somos judeus mesmo quando não o somos.” (p. 130)

Mas para ela a herança é, por outro lado, um peso que imobiliza. Ela precisa se afastar do passado para existir. “Nunca falo sozinha, sempre falo na companhia desse sopro que me segue desde o primeiro dia. Um sopro que me paralisa” (p. 106). Assim, a chave que o avô lhe entrega parece ser

mais necessária para sair do que para entrar na casa do passado. Daí o recorrente pesadelo que assombra a narradora, o pesadelo em que se encontra trancada numa casa alheia: “passei a vida nessa casa de onde tento em vão sair, desde sempre. A porta está trancada a chave, e não a encontro.” (p. 145). Pois sair apavora: é também parte do trabalho de luto, implica numa imensa solidão. A solidão de quem se torna adulto, de quem perde o colo acolhedor da mãe. Mas a própria escrita vai elaborando a perda e ficando cada vez mais leve, cada vez menos intensa. Há, o tempo todo, toques de humor e de leveza: fazem parte do jogo de contrastes que caracteriza o romance. E uma fugaz história de amor que a narradora vive em Lisboa, no final da viagem e do livro, parece permitir fechar esse ciclo da dor. “Falando de coisas sem importância, coisas muito importantes” (p. 196), esse carinho descompromissado pelo homem que acabou de conhecer se torna a possibilidade de fechar a viagem, de fechar a relação tensa com o passado: “e assim pude partir em paz, voltar para o Brasil com a certeza de que minha relação com Portugal não era mais uma relação com o passado, nem do passado.” (p. 205)

Nessa escrita, transitando entre “os extremos do lirismo e da crueldade” (como diz Cinthia Moscovitch na orelha do livro), surge uma prosa que coloca **A chave de casa** no lugar dos melhores romances da narrativa brasileira recente.